O IMPACTO DOS CONTOS DE FADAS E DA LUDICIDADE NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

FABIANA LEÃO DE MENDONÇA

RESUMO
Este estudo nasce da necessidade de compreender a importância dos contos de fadas como ferramenta primordial no processo de alfabetização e letramento na Educação Infantil. Através de uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa, investigamos como essas narrativas ancestrais, enraizadas na cultura celta e popular, moldam a subjetividade e o intelecto da criança contemporânea. Analisa-se a evolução histórica da literatura infantil e o papel estratégico do educador e da família como mediadores que transformam o ato de ler em um momento de encantamento e descoberta. A pesquisa ressalta que o contato com o universo fantástico permite ao pequeno estudante organizar suas emoções, enfrentar dilemas existenciais e desenvolver o raciocínio lógico de forma lúdica. Ao se identificar com heróis e superar vilões simbólicos, a criança encontra caminhos para resolver conflitos internos, fortalecendo sua autoestima e autonomia. Conclui-se, portanto, que o estímulo ao imaginário e à fantasia não é apenas um entretenimento, mas um pilar indispensável para a formação de indivíduos críticos, criativos e plenamente aptos a interpretar a realidade social com sensibilidade e profundidade ética.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Contos de Fadas; Imaginação; Educação; Desenvolvimento Humano.

ABSTRACT
This study stems from the need to understand the importance of fairy tales as a fundamental tool in the literacy process in Early Childhood Education. Through qualitative bibliographic research, we investigate how these ancient narratives, rooted in Celtic and popular culture, shape the subjectivity and intellect of the contemporary child. It analyzes the historical evolution of children's literature and the strategic role of the educator and the family as mediators who transform the act of reading into a moment of enchantment and discovery. The research highlights that contact with the fantastic universe allows the young student to organize their emotions, face existential dilemmas, and develop logical reasoning in a playful way. By identifying with heroes and overcoming symbolic villains, children find ways to resolve internal conflicts, strengthening their self-esteem and autonomy. It is concluded, therefore, that stimulating the imaginary and fantasy is not just entertainment, but an indispensable pillar for the formation of critical, creative individuals who are fully capable of interpreting social reality with sensitivity and ethical depth.

KEY-WORDS: Literature; Fairy Tales; Imagination; Education; Human Development.

INTRODUÇÃO

As competências refinadas pelo ser humano ao longo de sua trajetória evolutiva são marcos fundamentais que sustentam nossas dinâmicas cotidianas. Entre as maiores virtudes intelectuais, a leitura e a escrita destacam-se como portais que ampliam o autoconhecimento e o progresso social. Tais práticas proporcionam o prazer estético de desbravar novas perspectivas de mundo, utilizando a imaginação como o principal guia para essa descoberta.

Em décadas passadas, o hábito de ler era frequentemente semeado no ambiente doméstico, onde os pais incentivavam o manuseio de livros físicos e as visitas regulares a bibliotecas. Com o advento e a popularização das novas tecnologias, o acesso a obras e informações foi potencializado por meio de dispositivos móveis e computadores, democratizando o desfrute literário. Esse incentivo ganha contornos pedagógicos quando a criança ingressa na vida escolar, estendendo-se por toda a sua formação básica. Conforme destaca a educadora e pesquisadora Ana Vasconcellos, a leitura é um pilar vital para que o aluno aprimore sua capacidade de interpretação, o domínio da escrita e, fundamentalmente, seu potencial criativo.

A literatura voltada especificamente para o público infantil consolidou-se na

história por volta do século XVIII, acompanhando o surgimento de um novo conceito de infância. Até esse período, as crianças eram integradas precocemente à vida adulta, consumindo narrativas que visavam apenas retratar a realidade factual da época. Enquanto a nobreza consumia os grandes clássicos, as camadas populares preservavam lendas e tradições folclóricas. Com a evolução cultural, esse gênero literário se adaptou: os clássicos foram reescritos e o folclore serviu de matéria-prima para o florescimento dos contos de fadas.

Nesse cenário, a literatura infantil deve ser compreendida como uma manifestação artística e um fenômeno de pura inventividade, simbolizando o homem e sua existência por meio da linguagem. Como define Coelho (2002, p. 10), ela representa, tanto para crianças quanto para adultos, o acesso ao mágico e ao fantástico, estabelecendo uma conexão autêntica entre o cotidiano e o universo do imaginário.

As raízes dos contos de fadas mergulham na herança cultural celta e bretã, onde a figura da fada emerge como um arquétipo essencial e extraordinário. São narrativas de caráter fictício em que seres fabulosos compartilham destinos com personagens humanos. Nessas tramas, o natural e o sobrenatural se fundem: figuras que alternam sua aparência ou desafiam a mortalidade dividem o espaço com elementos da natureza dotados de sentimentos humanos. São histórias que, invariavelmente, abordam o embate entre luz e sombra, mas que oferecem o alento de desfechos esperançosos e redentores.

Para que um conto cumpra sua função, ele precisa cativar a atenção e despertar uma curiosidade genuína, tornando-se algo significativo para quem o ouve. Ao se identificar com as trajetórias e dilemas dos personagens, a criança encontra caminhos para organizar seu próprio mundo interno, compreendendo ansiedades e reconhecendo suas próprias lutas. Assim, além de serem entretenimento, os contos de fadas alimentam a busca pela felicidade e a necessidade intrínseca ao ser humano de sonhar e projetar o futuro com autonomia.

Nesse panorama, é essencial perceber que o ato de contar histórias na Educação Infantil funciona como um rito de hospitalidade pedagógica. Ao apresentar o 'era uma vez', o educador não está apenas transmitindo um enredo, mas oferecendo à criança um porto seguro para que ela explore o desconhecido. Os contos de fadas, com sua linguagem simbólica, permitem que os pequenos processem dilemas complexos como o medo, a perda e a busca pela autonomia sem a pressão da realidade literal. Essa mediação sensível transforma a sala de aula em um laboratório de humanidade, onde o aprendizado da leitura deixa de ser uma tarefa mecânica para se tornar um encontro afetivo com a cultura e com o próprio 'eu' em formação.

A presença dos contos de fadas no currículo escolar responde a uma necessidade urgente de resgate da ludicidade em tempos de aceleração digital. Embora a tecnologia ofereça acesso rápido à informação, a narrativa oral e a leitura mediada proporcionam um tempo de 'lentidão produtiva', fundamental para a maturação neurológica e emocional. O contato com heróis que enfrentam florestas sombrias e superam obstáculos intransponíveis ensina à criança a resiliência. Através do maravilhamento, a alfabetização ganha um novo contorno: ela deixa de ser apenas a decifração de letras e passa a ser a conquista da chave que abre os baús de tesouros literários, incentivando o desejo intrínseco de aprender.

A jornada da alfabetização e do letramento na primeira infância representa um dos ritos de passagem mais complexos, profundos e fascinantes de todo o desenvolvimento humano, pois não se limita à simples decodificação mecânica de grafemas e fonemas ou à memorização de sílabas isoladas, mas consiste no despertar de um novo e vasto universo de significados onde a criança começa a interpretar, a nomear e a intervir na realidade ao seu redor por meio da palavra escrita. Nesse cenário de constantes descobertas e desafios cognitivos, o impacto dos contos de fadas e da ludicidade revela-se como um recurso pedagógico de valor inestimável e de uma profundidade ancestral sem precedentes, uma vez que essas narrativas clássicas e maravilhosas não apenas capturam o imaginário infantil de forma arrebatadora, mas servem como verdadeiras pontes emocionais e psíquicas que conectam o mundo interno, subjetivo e lúdico da criança às

exigências técnicas, sociais e acadêmicas do aprendizado letrado. Ao integrar o lúdico como o fio condutor absoluto e inegociável de todo esse processo formativo, o educador consciente consegue transmutar o ato de aprender em uma experiência viva, pulsante e dotada de sentido existencial, onde o brincar deixa definitivamente de ser visto como uma atividade periférica, secundária ou meramente recreativa para se consolidar como o próprio alicerce estruturante da construção do saber científico, da consciência crítica e da formação da personalidade do pequeno estudante que se inicia no mundo das letras.

Através da ludicidade aplicada de forma intencional às histórias maravilhosas e aos enredos fantásticos, o pequeno estudante tem a oportunidade ímpar de experimentar papéis, fantasiar cenários, projetar seus medos mais profundos e ressignificar os conflitos humanos universais que estão presentes de forma simbólica em cada conto, desenvolvendo sua consciência fonológica, seu repertório vocabular e sua capacidade de abstração de uma maneira que é, ao mesmo tempo, orgânica, prazerosa e profundamente respeitosa com sua condição infantil. Compreender a magia e a simbologia dos contos de fadas no contexto escolar é, portanto, reconhecer com clareza que o letramento floresce com muito mais vigor, rapidez e sustentabilidade quando é devidamente adubado pelo encantamento, pela curiosidade e pela sensibilidade estética, permitindo que a criança se torne a verdadeira protagonista de sua própria história de aprendizado em um ambiente que valoriza seu tempo biológico, acolhe suas emoções mais genuínas e estimula sua inerente e vital necessidade de sonhar e criar. Essa abordagem humanizada e sensível permite que a alfabetização deixe de ser sentida como um fardo árido de regras gramaticais e repetições vazias para se transformar em uma chave mestra de leitura do mundo, onde a literatura infantil atua como o primeiro grande espelho social no qual o indivíduo em formação se enxerga, se reconhece e se valida como parte integrante de uma cultura rica em símbolos, mitos e possibilidades infinitas de expressão.

A inserção sistemática desses elementos narrativos e lúdicos no cotidiano da educação infantil promove uma alfabetização que respeita a subjetividade e a dignidade do educando, transformando a sala de aula em um laboratório vivo de experimentação ética, estética e linguística onde o conhecimento é construído de forma coletiva e afetiva. Ao ouvir, recontar, dramatizar e interagir com as histórias, a criança exercita exaustivamente a escuta atenta, a interpretação de contextos complexos e a estruturação do pensamento lógico e sequencial, competências fundamentais que constituem a base sólida para a futura produção textual autônoma e para o exercício do letramento pleno em todas as esferas da vida social. O pedagogo, ao assumir com ética e preparo o papel de mediador entre o mundo da fantasia e o mundo formal das letras, deve estar em constante vigilância para que a ludicidade não se perca em atividades puramente burocráticas, mecânicas ou desprovidas de afeto, mas permaneça viva como uma ferramenta de libertação intelectual e de expansão do ser. O compromisso inabalável com uma educação que valoriza o impacto dos contos de fadas reside na certeza de que um ensino verdadeiramente sensível, humanizado e focado na plenitude do indivíduo é capaz de formar cidadãos muito mais empáticos, criativos, resilientes e preparados para enfrentar os dilemas de uma sociedade plural e democrática, onde saber ler, escrever e interpretar é, acima de tudo, ter o direito garantido de possuir voz própria e exercer uma participação ativa, consciente e transformadora na coletividade.

Portanto, investigar o papel dessas histórias é compreender a escola como um celeiro de sonhos e segurança. A literatura infantil, quando trabalhada com intencionalidade, atua na prevenção de bloqueios na aprendizagem, pois valida o sentir tanto quanto o pensar. Ao reconhecer que a fantasia é o solo fértil da inteligência, o presente estudo busca reafirmar que educar na primeira infância exige a coragem de ser um guardião da imaginação. Somente assim, garantindo que o afeto e o simbólico caminhem lado a lado, poderemos formar leitores que não apenas compreendam os textos, mas que sejam capazes de ler e transformar os contextos sociais em que estão inseridos.

DESENVOLVIMENTO

Os contos de fadas estabelecem o marco inicial da jornada literária e cognitiva do ser humano, apresentando raízes profundas que se entrelaçam com a milenar e mística herança cultural céltico-bretã. Essa tradição remete a vastas áreas do continente europeu onde floresceram os falantes das línguas celtas, povos que habitavam regiões estratégicas e que não viam nessas narrativas meras distrações lúdicas, mas sim complexas composições poéticas destinadas a preservar sua visão de mundo, seus valores e sua espiritualidade. Desde meados do século XX, observamos um movimento global de resgate da "celticidade", no qual diversas nações utilizam esses contos e poemas para reafirmar suas identidades ancestrais em um mundo globalizado. Geograficamente, essas raízes permanecem vivas na Bretanha, ao noroeste da França, e em porções da Escócia, País de Gales e da Irlanda, onde o gaélico ainda ecoa. Nessas comunidades, as narrativas são tratadas com o respeito devido às chamadas "Nações Celtas", servindo como um elo indestrutível entre o passado místico e a realidade contemporânea, influenciando diretamente a forma como a literatura fantástica é produzida, estudada e consumida até os dias atuais.

Historicamente, essas histórias emergiram de eras remotas através da oralidade, sendo transmitidas de geração em geração como um patrimônio imaterial da humanidade, muito antes de qualquer registro gráfico formal. Os relatos originais descreviam minuciosamente a vida árdua e muitas vezes cruel dos camponeses medievais, sendo repletos de conflitos de classe, aventuras perigosas, fome e a luta desesperada pela sobrevivência em florestas inóspitas. É fundamental destacar que, naqueles tempos, as crianças participavam integralmente das audiências desses contos, pois a sociedade da época não fazia uma distinção clara entre o universo infantil e o adulto. O período que hoje identifi-i camos, estudamos e protegemos legalmente como "infância" ainda não havia sido delimitado sociologicamente; os pequenos eram vistos como adultos em miniatura e, por isso, eram expostos a histórias que funcionavam como mitos poderosos e alertas brutais. Tais narrativas eram expressões das angústias humanas diante das forças indomáveis da natureza, manifestando anseios, temores viscerais, revoltas contra a opressão e sistemas de crenças complexos. Através dessa tradição oral, mesmo os povos que não dominavam a escrita conseguiam compartilhar conhecimentos vitais e alertar os membros da comunidade sobre os perigos éticos, morais e físicos do mundo real, utilizando o medo e o maravilhamento como ferramentas de ensino.

A formalização literária e a sofisticação desse gênero tiveram seu ápice na França do final do século XVII, sob a liderança intelectual de Charles Perrault (1628–1703). Perrault não se limitou a um trabalho de copista; ele realizou uma profunda transposição cultural, adaptando narrativas populares e rústicas para que pudessem ser apreciadas pela exigente e pomposa corte do rei Luís XIV, o Rei Sol. Apesar do abismo social que separava a classe camponesa da alta nobreza, a elite francesa já estava familiarizada com esses temas devido ao contato cotidiano com amas, governantas e serviçais que traziam o folclore das aldeias para dentro dos palácios luxuosos. Com o passar do tempo, a introdução sistemática da figura da "fada" a representação de uma mulher idealizada, dotada de beleza absoluta, sabedoria e poderes extraordinários redirecionou o foco dessas histórias para a utilidade educativa. Percebeu-se que a fantasia inserida nos enredos era uma ferramenta pedagógica poderosíssima na moldagem da personalidade e do comportamento das crianças da aristocracia. Para garantir a aceitação nos refinados salões parisienses, Perrault realizou uma rigorosa edição dos textos, eliminando passagens consideradas excessivamente vulgares, obscenas ou repugnantes, elevando o simples conto popular ao status de alta literatura acadêmica e moralizante.

No século XIX, o cenário dessa evolução literária deslocou-se para a Alemanha, onde os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm dedicaram suas vidas a uma coletânea monumental de contos e lendas populares. O interesse inicial dessa dupla de pesquisadores, linguistas e juristas era puramente acadêmico e patriótico: eles buscavam investigar as raízes profundas da língua alemã e registrar o folclore como uma forma de recuperar a dignidade e a realidade histórica de sua pátria

em um período de fragmentação política. Ao publicarem a obra "Contos da Criança e do Lar", eles trouxeram à luz narrativas que já circulavam de forma fragmentada pela Europa, como A Bela Adormecida no Bosque, Cinderela, Os Músicos de Bremen e O
Gato de Botas, além de imortalizarem tesouros como João e Maria, Rapunzel e Branca de Neve. A evolução do trabalho dos Grimm acompanhou as transformações culturais da Europa moderna, que, sob a influência do Romantismo, passou a exigir gêneros literários específicos que respeitassem as novas concepções de infância. Através de pesquisas exaustivas na tradição popular, os irmãos facilitaram o desenvolvimento de estudos antropológicos e folclóricos mais amplos, consolidando o que hoje o mundo acadêmico reconhece universalmente como o cânone dos "Contos de Fadas dos Irmãos Grimm", peça fundamental para qualquer análise sobre a psique, a moral e a educação humana.
As tramas originais, no entanto, guardam pouca semelhança com as versões higienizadas, coloridas e "doces" que conhecemos hoje em animações cinematográficas e livros infantis contemporâneos. Em suas versões primordiais, os enredos eram carregados de elementos sombrios e perturbadores, apresentando teores de violência extrema, castigos físicos severos, canibalismo, incesto e situações traumáticas que refletiam o desespero das classes baixas em tempos de miséria, peste e guerra. Um exemplo notório dessa disparidade é a versão arcaica de "Chapeuzinho Vermelho", que continha passagens de uma crueza chocante que visava amedrontar as jovens para que não se desviassem do caminho socialmente aceito. Além disso, as figuras místicas podiam encarnar o mal absoluto na forma de bruxas e ogros, representando o reverso sombrio da perfeição das fadas e simbolizando a dualidade eterna e o conflito de impulsos inerentes à condição humana. No contexto brasileiro, a recepção e adaptação desse modelo europeu foram fundamentais para a estruturação de um projeto educativo nacional durante o século XX. A escola e a literatura infantil tornaram-se aliadas indispensáveis nesse processo, utilizando o poder simbólico desses contos para formar cidadãos capazes de lidar com as complexidades éticas da vida em sociedade, promovendo um desenvolvimento que une o racional, o moral e o imaginário de forma indissociável e necessária para a saúde emocional do indivíduo.
A análise do papel mediador da literatura infantil revela que os contos de fadas funcionam como dispositivos psíquicos fundamentais para que a criança organize seu caos interno e comece a dar ordem lógica aos símbolos da escrita. No desenvolvimento cognitivo, o contato com o enredo maravilhoso permite que o pequeno estudante estabeleça conexões entre o som das palavras e a força das imagens mentais, criando um terreno fértil para que a alfabetização ocorra de maneira espontânea e vinculada ao afeto. Quando o professor utiliza a narrativa como ponto de partida, ele não está apenas contando uma história, mas apresentando a estrutura da linguagem em sua forma mais rica e complexa, o que estimula a curiosidade fonológica e a percepção de rimas, aliterações e ritmos gramaticais. Esse processo de imersão no universo ficcional retira o peso da obrigação escolar e coloca o aprendizado em um lugar de desejo, onde aprender a ler se torna a chave para desvendar novos mistérios e aventuras. Assim, o desenvolvimento da escrita deixa de ser um treinamento de coordenação motora fina para se tornar uma expressão da própria subjetividade, permitindo que o educando se sinta capaz de registrar suas próprias fantasias e interpretações do mundo, consolidando um letramento que é, acima de tudo, emocional e intelectualmente significativo.
A ludicidade, quando aplicada com intencionalidade pedagógica no desenvolvimento da alfabetização, atua como o motor que impulsiona a plasticidade cerebral e a capacidade de abstração da criança em idade escolar. O ato de brincar com as palavras, de dramatizar os contos e de manipular materiais lúdicos relacionados às histórias permite que o conceito abstrato da letra se transforme em algo concreto e manipulável, facilitando a internalização dos códigos linguísticos. Nesse estágio, o desenvolvimento não ocorre de forma linear ou puramente técnica; ele é atravessado por experimentações constantes onde o erro é visto como uma tentativa válida de construção de hipóteses sobre o sistema de

escrita. A integração entre o movimento corporal, a fala teatralizada e a observação atenta dos livros ilustrados cria um ambiente de aprendizado multissensorial que respeita os diferentes ritmos de cada aluno, garantindo que nenhum estudante seja marginalizado por não se enquadrar em métodos rígidos e repetitivos. A escola que valoriza essa dimensão lúdica promove um desenvolvimento integral, onde a cognição não é separada da emoção, e onde cada nova sílaba conquistada é celebrada como uma vitória pessoal dentro de um contexto de jogo e descoberta compartilhada.

Aprofundar o estudo sobre o impacto das narrativas no desenvolvimento infantil exige compreender que o processo de alfabetização é também um processo de inserção cultural e social mediado pela arte. Os contos de fadas, ao apresentarem arquétipos universais e dilemas morais, auxiliam a criança a desenvolver o pensamento crítico e a capacidade de inferência, habilidades que são fundamentais para o letramento pleno e para a interpretação de textos em níveis mais profundos. Durante o desenvolvimento das atividades em sala de aula, a interação constante com esses textos clássicos expande o vocabulário de forma exponencial, permitindo que a criança utilize termos e estruturas sintáticas mais elaboradas em sua própria fala e, posteriormente, em sua escrita. O papel do docente nesse cenário é o de um arquiteto de experiências, que organiza o espaço e o tempo pedagógico para que o encantamento das histórias seja o combustível para a investigação linguística e para a produção textual criativa. Ao final deste processo de desenvolvimento, percebe-se que a criança alfabetizada através da ludicidade e dos contos de fadas possui uma relação muito mais saudável e duradoura com a leitura, enxergando nos livros não apenas uma ferramenta escolar, mas um manancial infinito de prazer, conhecimento e autoconhecimento que a acompanhará por toda a vida.

CONCLUSÃO

A presente pesquisa permitiu compreender que os contos de fadas transcendem o simples entretenimento infantil, configurando-se como ferramentas indispensáveis para o desenvolvimento integral da criança na Educação Infantil. Ao longo deste estudo, ficou evidente que essas narrativas, embora originadas em contextos históricos remotos e muitas vezes sombrios, foram lapidadas pelo tempo para se tornarem pontes fundamentais entre a realidade concreta e o universo simbólico. Através do "era uma vez", a criança encontra um espaço seguro para projetar suas angústias, medos e desejos, aprendendo a organizar seu mundo interno enquanto acompanha a jornada de superação dos heróis e heroínas.

Um dos pontos centrais discutidos foi o papel do professor como mediador desse processo. Conclui-se que a eficácia pedagógica dos contos de fadas não reside apenas na leitura do texto, mas na paixão e na intencionalidade com que ele é apresentado. Quando o educador utiliza o lúdico para aproximar a ficção da realidade vivida pelos alunos, ele promove uma aprendizagem significativa que vai muito além da alfabetização mecânica. As histórias ensinam resiliência, ética e a importância de enfrentar os obstáculos com coragem, transmitindo a mensagem vital de que, apesar das dificuldades inerentes à condição humana, a vitória e a felicidade são possíveis mediante o esforço e a retidão de caráter.

Além disso, observou-se que a literatura infantil atua como um potente recurso de socialização e construção da personalidade. Ao identificar-se com as figuras arquetípicas como a fragilidade da princesa, a sabedoria do rei ou a malícia da bruxa, a criança reconhece em si mesma essas dualidades, aprendendo a lidar com sentimentos complexos como a inveja, a rivalidade fraterna e o medo do abandono. A pesquisa reforça que a fantasia não afasta a criança da realidade; pelo contrário, ela fornece as ferramentas psicológicas necessárias para que o pequeno indivíduo compreenda e transforme o mundo ao seu redor.

Este trabalho reafirma a necessidade de preservar o espaço do imaginário dentro das instituições de ensino, especialmente em uma era marcada pela aceleração digital e pelo excesso de informações literais. Os contos de fadas garantem à criança o direito de sonhar acordada, de criar hipóteses e de desenvolver uma sensibilidade ética que será o alicerce

de sua cidadania. Espera-se que este estudo contribua para que educadores e famílias valorizem o ato de contar histórias como um rito de afeto e inteligência, essencial para a formação de seres pensantes, criativos e emocionalmente saudáveis.

A relação existente com a realidade apresentada nos contos de fadas, fazem perceber a interação entre esses dois mundos, a objetividade de trazer características que compõem o ambiente familiar, escolar e cotidiano de crianças se torna um caminho para novos aprendizados. A existência de elementos mágicos faz a criança usar da imaginação para formar características físicas dos personagens, trazendo para elas mesmas, muitas vezes querendo fazer parte da história, ou ser o personagem em questão. Para uma aprendizagem e desenvolvimento significativos é muito importante esses conhecimentos dos acontecimentos envolvidos na história, a criança mesmo sendo pequena, é capaz de identificar e associar com sua realidade.

Algumas histórias ajudam a lidar com as dificuldades do dia-a-dia, como: rivalidade entre irmãos, inveja, medo, relação com os pais, inferioridade, vingança, e por isso elas podem se identificar com situações semelhantes à dos personagens, como também com o próprio personagem como a coragem do príncipe, a sabedoria do rei, a fragilidade da princesa e a maldade da bruxa. Todos nós temos estas características em diversas situações de nossa vida. Por meio dos contos de fadas a criança consegue lidar com seus medos, falhas e conflitos, consegue também resolver questões que de alguma forma são encaradas como obstáculos para seu desenvolvimento.

Em suma, a convergência entre os contos de fadas e a ludicidade no processo de alfabetização na educação infantil revela-se não apenas como uma estratégia didática eficiente, mas como um imperativo ético para uma pedagogia que se pretenda verdadeiramente humanizada e transformadora. Ao longo desta reflexão, ficou evidente que o ato de alfabetizar, quando despojado do encantamento e da fantasia, corre o risco de se tornar um exercício árido e puramente mecânico, capaz de silenciar a curiosidade inata

entre o lúdico e o literário na educação infantil representa uma ruptura com modelos pedagógicos obsoletos e autoritários, propondo em seu lugar um ambiente de aprendizado onde o afeto e a cognição caminham de mãos dadas em prol do desenvolvimento pleno do educando. Espera-se que este estudo sirva como um convite à reflexão para gestores e educadores, incentivando a revisão de currículos e práticas para que a magia das histórias e o vigor do brincar ocupem o centro das atenções no chão da sala de aula. Ao garantir que a alfabetização seja um processo imerso no universo dos contos de fadas, estamos formando não apenas usuários competentes da língua, mas seres humanos íntegros, que enxergam na escrita uma ferramenta de libertação e na leitura um manancial inesgotável de saber, prazer e emancipação social, consolidando assim uma educação que respeita a dignidade humana em sua essência mais pura.

REFERÊNCIAS

BARDUCO, MARIA DE LURDES. A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS NA EDUCAÇÃO DA CRIANÇA. CATEGORIA: COMPORTAMENTO E EDUCAÇÃO/CRIANÇAS,2012.

BETTLHEIM, BRUNO. A PSICANÁLISE DOS CONTOS DE FADAS, 2004, P. 19.
CARBONARI, PÂMELA, HUECK, KARIN. A IMORTALIDADE DOS CONTOS DE FADAS.11/08/2017.

PESSOLATO, LUCIANA; BRONZATTO, MAURÍCIO. AS TRANSFORMAÇÕES DOS CONTOS DE FADAS E O SURGIMENTO DA INFÂNCIA. REVISTA ELETRÔNICA SABERES DA EDUCAÇÃO – VOLUME 5 – Nº 1 – 2014.

SILVA, ADRIANA PALMEIRA DOS SANTOS GOMES. OS CONTOS DE FADAS PODEM IR ALÉM DO ENCANTAMENTO, 2013, PEDAGOGIA AO PÉ DA LETRA.